

FRENTE UNIDA CONTRA A REPRESSÃO!

Unidade, iniciativa, acção em torno de objectivos concretos—tal foi a vontade expressa nas reuniões democráticas com que a passagem do 5 de Outubro foi assinalada, nomeadamente, no Porto, em Braga e Viana do Castelo.

Por toda a parte onde antifascistas portugueses puderam estar reunidos, neste 5 de Outubro, a viva repulsa face à ofensiva repressiva que o gover-

no de M. Caetano move desde há meses, contra trabalhadores, activistas e dirigentes sindicais, democratas em geral, foi a nota dominante. Várias acções concretas contra a repressão foram decididas e postas em prática.

Já antes, num apelo aos «Republicanos portugueses» para a comemoração do 5 de Outubro, trinta democratas de vários distritos, nomeadamente, Lisboa, Porto e Leiria, afirmavam: «O Governo só recuará perante a denúncia MÁXIMA da sua política de violências e atrocidades...»

As acções de massas dos bancários e de outros trabalhadores contra a repressão; a tomada de posição por parte de vários «indivíduos mágnos» contra a repressão anti-sindical e a prisão de dirigentes; as insistentes deligências empreendidas pela CNSPP denunciando violências e barbaridades da PIDE-DGS e em apoio moral, jurídico e material dos presos; o aparecimento em Braga de uma comissão distrital de socorro aos presos políticos, constituída publicamente por duas centenas e meia de cidadãos deste distrito; as múltiplas iniciativas contra a vaga repressiva lançadas por jovens, estudantes e democratas de diferentes sectores e localidades—tudo isto indica que o governo não logrou intimidar e lançar no pânico a opinião pública democrática, mas, muito pelo contrário, a sua política de terror suscitou um vasto movimento de resistência.

Os antifascistas portugueses não estão só neste movimento: organizações políticas, sindicais, jurídicas juvenis, estudantis, homens progressistas de vários países, organizações internacionais de grande influência, como a F.S.M., a F.D.I.M. e outras, têm manifestado a sua solidariedade às forças democráticas portuguesas e protestando junto das autoridades fascistas.

O governo de M. Caetano, que desencadeou uma vasta operação repressiva para travar o desenvolvimento da luta popular, originou, assim, um novo foco de acção contra a sua política, quer interna, quer externamente. A ofensiva repressiva em que o governo estriba a defesa do regime ameaçado, cava mais fundo o seu isolamento.

A onda repressiva dos últimos meses, as torturas, violências e brutalidades perpetradas pela PIDE-DGS a mando do governo, os processos monstruosos já enviados a tribunal e outros que se anunciam provocaram um impacto político ao qual o movimento democrático não pode deixar de corresponder.

A luta contra a repressão é, indeclinavelmente, uma tarefa prioritária da hora presente. Ela reclama **Unidade, Iniciativa, Acção** de todas as forças democráticas. Ela exige uma **Frente Unida** de todos os democratas portugueses.

ANO 41—SÉRIE VI—N.º 424 — OUTUBRO DE 1971 PREÇO: 1\$00

Proletários de todos os países: UNÍ-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

GES
PCP

APROFUNDAR AS DIFICULDADES DO REGIME Pela unidade, pela organização, pela acção das forças democráticas

No dia 27 de Setembro, M. Caetano, falando aos seus pupilos do partido único, aludia às tremendas dificuldades que o país enfrenta, umas derivadas da própria situação interna, outras da crise geral do capitalismo, em que sobressai no momento actual a crise monetária internacional, precipitada e agravada pela crise do dólar e de toda a economia dos Estados Unidos.

M. Caetano não ia naturalmente atribuir à política dos sucessivos governos da ditadura fascista qualquer responsabilidade pela situação criada, situação que não cessará de se agravar enquanto o problema político português não for resolvido num sentido verdadeiramente democrático e nacional.

Até parece que foi da noite para o dia que surgiram as «horas muito críticas» em que a agudeza dos problemas nacionais é agravada por inquietantes condições da economia e da política internacionais, que tudo se tornou difícil, que se levantaram obstáculos por toda a parte, que os recursos faltaram, ou pelo menos «não se julgue que nadamos na abundância», que o «esforço que estamos a fazer com as forças armadas» não deixa recursos para obras de produção pacífica, etc., etc.. Mas não foi. Tudo é fruto de uma política antinacional criticada e condenada ao longo dos anos pelo P.C.P. como contrária aos interesses do povo português e de Portugal.

«Está-se a criar—gritou Caetano—uma perigosa mentalidade de reivindicações e de facilidades absolutamente incompatível com as realidades e possibilidades...»

Não quererá isto dizer que o governo fascista de Caetano, os monopólios e grandes capitalistas fazer tragar, mais uma vez, à classe operária e às massas trabalhadoras da cidade e do campo

todos os frutos amargos produzidos por essa política anti-operária e antinacional? E não explicará também isso melhor as razões políticas da ofensiva repressiva desencadeada em grande escala e com espalhafato intimidativo contra os trabalhadores, o movimento democrático e, em particular, contra o Partido Comunista, assim como os objectivos que se pretendia alcançar com ela?

Caetano procurava, nem mais nem menos, do que vibrar um golpe mortal no PCP e no movimento democrático nacional e paralisar por largo tempo a acção reivindicativa da classe operária, das massas trabalhadoras, das populações locais, dos estudantes e intelectuais, e desta forma ficar com as mãos livres durante um largo espaço de tempo para tentar vencer as dificuldades internas actuais à custa dum a exploração acrescida dos trabalhadores e dum a maior expropriação dos pequenos e médios camponeses, industriais e comerciantes.

Aludindo apenas aos problemas, em público, M. Caetano procurou por um lado, confundir e enganar a opinião pública sobre a real situação que o país atravessa, e por outro lado, chamar os vários clãs fascistas e seus apañiguados respectivos (a quem chama «portugueses dignos desse nome») a unirem-se «em redor dos governantes por eles escolhidos», a terminarem com as querelas de família para procurarem vencer mais uma vez a situação difícil que o regime atravessa.

Consegui-lo ou não, isso depende da capacidade das forças democráticas para se unirem numa autêntica frente de combate contra o fascismo, mobilizarem e organizarem as largas massas populares para acções muito concretas, por objectivos bem determinados, for-

mando e temperando, assim, o exército político capaz de derrubar a ditadura fascista.

Encarar os grandes problemas nacionais de frente (que não são os dos monopólios e dos colonialistas), nem o governo de Caetano, nem qualquer outro governo fascista o podem fazer e muito menos resolvê-los.

«Aguentar», dizia Salazar já no final do seu reinado. Caetano não diz aguentar, mas o sentido das suas palavras quer dizer isso mesmo. E para aguentar recorre, tal como o fazia Salazar, cada vez mais, à repressão contra todo o povo trabalhador.

Nessa única via de governação, Caetano conclama todos os fascistas a unirem-se à sua volta. Nesse mesmo sentido, os quadros dirigentes do partido fascista único (ANP) conduzem uma actividade frenética, quase desesperada, para arrebanharem gente para comissões locais a quem prometem este mundo e o outro.

O oferecimento da grã-cruz da ordem da torre e espada de Tomás ao Caetano teve tanto em vista galardoar um fascista de gema como servir para organizar uma ostensiva manifestação de força e de fidelidade dos altos comandos fascistas das forças armadas ao chefe do governo, para que conte com eles para manter a «ordem» fascista. Tudo se insere na mesma política antinacional, repressiva, de exploração das massas trabalhadoras, de guerra colonial, fascista.

A esta política, as forças democráticas devem opôr a sua unidade activa e a mobilização e organização das massas populares para a acção em todas as frentes de combate pelo pão, a liberdade, contra a guerra colonial.

Combater a repressão eficazmente é não dar sequer autoridade ao bando da PIDE-DGS para interrogar homens honrados e dignos.

Não dar qualquer informação à polícia, por simples que pareça, sobre as organizações e elementos das mesmas, é a única posição conforme os interesses da luta da classe operária e do povo, pela causa da liberdade, da paz e do socialismo.

Cerrar os dentes e pensar para si: Daqui não levam nada, lá fora a luta continua, é a posição conforme à qualidade de um revolucionário que luta por uma causa justa.



ABAIXO A REPRESSÃO!

Resistir às violências policiais

O governo e a PIDE-DGS não deram até hoje nenhuma resposta precisa às acusações do PCP e outras forças democráticas e aos protestos e revolta das massas populares contra o arbitrio, ilegalidades, violências, torturas exercidas pelas forças repressivas, em especial a PIDE, na pessoa de numerosos cidadãos: comunistas e outros democratas, simples trabalhadores.

Os factos só têm vindo a comprovar que a polícia não pretende, nem prende, com provas, como também não investiga para prender, mas, ao contrário, prende para «investigar». As «provas» procura obtê-las por meio de espancamentos, longas incomunicabilidades, longos interrogatórios alternados com agressões de vários tipos, torturas refinadas como a privação do sono aos presos durante 15 e mais dias seguidos.

Tudo isto é feito de acordo e sob a orientação de M. Caetano e Gonçalves Rapazote. Quando Caetano diz a um escriba sueco que os comunistas chamam a interrogatórios de 3 ou 4 horas torturas, ele mente com quantos dentes tem na boca. Chame Caetano, o mesmo escriba sueco e outros jornalistas nacionais e estrangeiros, assim como certos elementos da PIDE a indicar por presos e ex-presos políticos, de garantias públicas de que nenhuma represália será exercida contra aqueles que se dispõem a colocar a verdade no seu lugar, realize-se uma conferência, ou debate, em recinto público que possa conter dezenas, ou mesmo centenas de milhar de pessoas e então ver-se-á o resultado. Ver-se-á quem fala verdade e quem mente.

Nós, comunistas, não tememos enfrentar o povo português, ansiamos mesmo submeter-nos livremente ao seu julgamento. Terá o sr. M. Caetano e a sua PIDE-DGS a coragem bastante para o fazerem?

Anulação dos processos forjados pela PIDE-DGS

A fabricação em série de processos políticos, as notas officiosas da PIDE sobre esses processos continuam a nada explicar. Publicam-se listas de presos que serão levados aos tribunais fascistas, mas continua a nada se dizer de concreto sobre os «crimes» que cometeram, de como decorreu a elaboração desses «processos» e, sobretudo, das formas empregadas pelo bando da PIDE para apurar a tal «verdade» de que tanto gosta de falar M. Caetano.

As tais explicações e informações sobre a verdade dos factos (as razões da repressão, têm, apontado nós), como de costume, nunca mais aparecem. As invenções e, as mentiras mais clamorosas preenchem todo o conteúdo das notas e comunicados da PIDE e do governo.

Dois tribunais consideraram nulas declarações prestadas na poli-

cia sem a presença de advogados de defesa. Estas decisões foram confirmadas pelo Supremo Tribunal de Justiça, por acórdão publicado no passado mês de Julho. Por sua vez, o ministro da Justiça, Almeida Costa tinha declarado, em 7 de Novembro de 1970 que «o governo deseja sinceramente (note-se, «deseja sinceramente») a independência da magistratura».

Ora, sucede que a PIDE-DGS tem continuado a ignorar (até troça dela) a decisão do mais alto órgão da Justiça, não admitindo advogados de defesa durante os interrogatórios dos presos e a elaboração dos «processos», sem que o governo de Caetano tenha mexido um dedo para fazer cumprir aquela decisão.

Pergunta-se: Qual é na realidade o órgão supremo da justiça portuguesa? A PIDE ou o Supremo Tribunal de Justiça?

Até agora só o 2º Juízo Criminal do Porto se atreveu a considerar nulas as declarações constantes num processo político atribuídas pela PIDE-DGS a 7 estudantes de Coimbra. Dado que M. Caetano e o seu ministro do Interior «explicaram» mal e «justificaram» pior a actuação criminosa da PIDE para obter «provas» dos presos e dado ainda que, como é sabido, foi recusada sistematicamente aos presos assistência de advogado de defesa, pergunta-se: o governo considera esses «processos» legais?

Aos tribunais plenários exige-se que tomem posição idêntica à do 2º Juízo Criminal do Porto, considerando nulas as «declarações» dos arguidos. Em certos casos isto pode ser possível se os advogados dos presos actuarem nesse sentido com firmeza e as massas populares forem mobilizadas para se manifestarem em força junto desses tribunais por todos os meios ao seu alcance.

Contra o arbitrio e a violência das forças policiais

O «Estado Social» de Caetano não tem nada de social e tem tudo de policial. A repressão tornou-se uma norma de proceder de todo o enorme aparelho do Estado, assim como de serviços autónomos e municipais. Muitas vezes, por motivos fúteis, agentes da PIDE, da GNR, da PSP e até da Guarda Fiscal, todos eles educados e instruídos no culto da violência, agredem, prendem, espancam desalmadamente nas ruas, nos postos e nas esquadras a seu belo prazer. E depois: «vai-te embora» e nem piá sobre o que aqui se passou, se não... Isto quando o cidadão não foi pura e simplesmente abatido.

O que se passou recentemente na Baixa da Banheira em que um sargento da GNR fôdo poderoso depois de ter assassinado a tiro um jovem soldado e ferido gravemente outro proximo, um motim popular de que resultou a sua pró-

pria morte e dezenas de feridos, foi apenas um caso mais clamoroso entre muitos que têm tido lugar por o país fora, como o comprovam os sangrentos acontecimentos no dia 3 de Outubro em Leixões provocados pela GNR aquando de um jogo de futebol e os tiros na Praça da Figueira, em Lisboa, para «intimidar» um «arroaceiro».

Nas estradas, não impera apenas a caça à multa; vasculha-se tudo, exige-se a identificação dos passageiros, quase sempre com modos grosseiros de senhores que tudo podem e todos podem desrespeitar. O pretexto de que procuram carros roubados e de que velam pela segurança das pessoas não pode convencer ninguém. Daí a verificar-se uma resistência cada vez maior contra as prepotência das autoridades.

Simples fiscais da Emissora Nacional são revestidos de autoridade para poderem forçar a entrada nos lares dos cidadãos e perturbarem a vontade a sua intimidade. Estes senhores batem às portas, resistem a identificar-se e quando os incautos abrem a porta irrompem por ali dentro sem o menor respeito. Senhoras que, encontrando-se sós, se têm recusado a abrir, têm sido enviadas aos tribunais, «por desobediência à autoridade».

Fiscais das actividades económicas empregam também a violência como processo de investigação contra os pequenos comerciantes, industriais e produtores, como ainda recentemente ficou provado num tribunal. Acaso não disse o ministro do Interior, em 19 de Agosto passado, que «a autoridade não se discute nem se deixa discutir»?

Resistir às violências policiais Intensificar a luta contra a repressão

Naturalmente que uma tal actuação repressiva orientada superiormente por Caetano, Tomás, Rapazote, Almeida Costa e os altos comandos fascistas não deixará de provocar tempestades mais ou menos violentas. Disso não haja dúvidas.

Os sintomas de resistência e de revolta populares contra as prepotências policiais começam a observar-se um pouco por todo o lado. Os recentes acontecimentos que tiveram lugar na Baixa da Banheira e em Leixões auguram que estão em formação pequenas tempestades. O sargento da GNR da Baixa da Banheira pagou a vida no preciso momento em que acabava de cometer o crime. Justiça popular? Tudo parece indicar que sim.

Intensificar as acções contra a repressão fascista e pela libertação dos presos políticos!

Recusar com firmeza a presença de advogados de defesa durante os interrogatórios na polícia!

Actuar energeticamente pela anulação de todos os processos forjados pela PIDE-DGS!

Aumentar a resistência popular contra o arbitrio e as violências das forças policiais!

São exigências que se colocam a todos os portugueses que querem que a sua Pátria seja livre, próspera e independente.

*Abaixo a repressão!
Abaixo a polícia!*

DENUNCIAMOS!

Numa entrevista a um jornalista sueco, que a imprensa diária divulgou no dia 18 de Julho, Marcelo Caetano declarou com o seu despudor habitual: «São os comunistas que directamente ou através de aliados seus, fazem a campanha de deserdito contra Portugal e falam em torturas de presos...» e acrescentou: «...à falta de pior, chamam tortura a interrogatórios de 3 ou 4 horas».

Entretanto, na mesma data, os próprios presos políticos denunciavam aos seus familiares as torturas a que têm sido barbaramente submetidos nos antros sinistros da PIDE-DGS. A força dos factos é indismutável.

José Pedro Soares (jovem operário no Parque de Alverca), preso no dia 1 de Julho: sujeito à tortura do sono em 2 períodos sucessivos: 14 dias e 14 noites da primeira vez e 19 dias e 19 noites da segunda; submetido a selváticos espancamentos que lhe deixaram o corpo todo negro, um hematoma numa perna que não pode mover, e a roupa completamente inutilizada.

José António Ribeiro Lopes (aluno do 4º ano de Agronomia), preso no dia 14 de Julho: sujeito a tortura do sono durante períodos sucessivos de 7 dias e 7 noites, 3 dias e 3 noites, 5 dias e 5 noites, mais 6 dias e 6 noites, com curtos intervalos de 12 horas.

Dionísio Martins (empregado dos CTT), torturado com algemas eléctricas nos pulsos e tornoselos, queimaduras decigramas no tronco, pontapés e choques eléctricos na zona da bacia.

José A.R. Lopes submetido à tortura do sono em 2 períodos sucessivos: 14 dias e 14 noites no primeiro e mais 6 dias e 6 noites no segundo.

Daniel Cabrita (dirigente sindical bancário), esteve sob a tortura do sono durante 11 dias e 11 noites com o intervalo de um dia.

É esta denúncia e este grito de alarme que é preciso fazer chegar a toda a parte.

DESMASCARAR OS MISERÁVEIS E NÃO ESQUECER

Francisco Barbosa, operário carnicheiro da Carris do Porto (STCP), fazia parte duma comissão sindical que estava a discutir a revisão do Acordo Colectivo de Trabalho em vigor. As suas posições eram de firme defesa dos interesses dos trabalhadores que representava. Mas isto não agradava à administração da empresa que, para se livrar dele, desceu até a PIDE a quem insinuou a necessidade da prisão do operário Francisco Barbosa como elemento «perturbador» e «subversivo».

Francisco Barbosa foi preso e logo funcionários superiores da Carris insistiram com a PIDE para o apertarem bem...

Comentários? Julgamo-los desnecessários.

Apontar os miseráveis pelos seus nomes, isso sim, julgamos ser absolutamente necessário.

IMPULSIONAR A LUTA NAS EMPRESAS fortalecendo a organização

Os 120 operários da **SOCIEDADE DE FABRICANTES, LDA.** (Tortozendo) escolheram o justo caminho: a luta na empresa em sinal de protesto contra a demora na assinatura do C.C.T.. No dia 28 de Agosto, todo o pessoal fez uma paralisação de 1/2 hora reivindicando aumento de salário.

Ante a unidade combativa dos trabalhadores, a gerência viu-se forçada a receber todos os trabalhadores e não apenas 3 ou 4 como se propunha. Mas não abandonou as suas manobras com vista a iludir e dividir os trabalhadores, começando por prometer que o C.C.T. seria assinado brevemente e fazendo depois constar que o pessoal da secção de confecções seria aumentado. Em resposta, os operários da tecelagem, logo na 2ª feira seguinte, dia 30, recusaram-se a trabalhar sem que a empresa se compromettesse a dar um aumento geral. Os restantes trabalhadores tudo têm a ganhar solidarizando-se com esta acção, pois só unidos serão suficientemente fortes para fazer fracassar as manobras do patronato na luta pelas suas justas reivindicações de aumento de salários e da rápida assinatura do C.C.T.

As empregadas do **HOSPITAL DE S. JOÃO** (Porto) recorreram à «cera» por aumento de salário. Desta forma, conseguiram um aumento de 600\$00, quando o seu salário era apenas de 800\$00. As empregadas das dietas, que continuam com o mesmo salário, devem seguir o exemplo combativo das suas colegas.

O pessoal da secção de acabamentos na **COELIMA** (Pevidém) e o da secção de napas e pergami-

des da **RIVA** (Amial) reivindicam aumento de salário. Nesta última, os operários alcançaram aumentos entre 40 e 15 e 25 escudos diários.

Na **CARRIS** (Lisboa), os pedreiros não se curvaram ao autoritarismo patronal e abandonaram o trabalho 2 horas mais cedo no dia 26 de Julho para acompanharem o funeral da mulher dum camarada. A Administração que tanto demorara a dar uma resposta aos trabalhadores, deixando passar a hora a que se comprometera fazê-lo, não foi lenta a exercer represálias. Os pedreiros foram todos suspensos logo no dia seguinte e assim continuavam no dia 5 de Agosto.

xxx

A situação agrava-se dia a dia nas empresas. Em consequência dos baixos salários, que não acompanham, nem de longe, o aumento vertiginoso do custo de vida, a par das mais variadas formas de exploração, das arbitrariedades e da repressão patronal, o descontentamento dos trabalhadores não cessa de aumentar.

Porém, ao descontentamento crescente dos trabalhadores, não correspondem nem o grau nem a amplitude da luta que a situação impõe. Em muitas empresas, por falta de Comissões de Unidade, de reuniões de trabalhadores, de insistência na acção, é a lei do patronato que impera.

Para que os trabalhadores não vejam piorar as suas já difíceis condições de vida e de trabalho, é indispensável um enorme esforço de organização para impulsionar sem demora a luta por aumento de salários e outras reivindicações imediatas.

O «novo estilo»

A A.A.C. ré no Plenário

A Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (como tal) vai ser julgada no Tribunal Plenário do Porto por, segundo a acusação, ter ofendido o «Conselho Superior de Segurança», em comuniqueado por ela publicado e subscrito.

Integrando-se na vaga de terror desencadeada pelo governo de M. Caetano contra tudo que lhe cheira a oposição, esta operação repressiva apresenta aspectos novos que importa caracterizar.

O recentemente «desenterrado» «Conselho Superior de Segurança» — constituído pelo ministro do interior, director da PIDE, comandante da PSP e comandante da Legião — o «estado maior» da repressão, em síntese, depois de aparecer como «vítimário» no encerramento das sedes dos Sindicatos Bancários de Lisboa e Porto, aparece agora como vítima, mas, quer num caso quer noutro, colocado no comando da escalada repressiva. Tudo indica estar destinado a desempenhar um importante papel na tática repressiva do Caetano: unifica legalmente o comando de todas as forças repressivas e torna-as comumente solidárias na repressão, dá uma co-

bertura «superior» às actividades criminosas da PIDE, visa dar a ideia de uma maior distância entre o governo e a repressão quotidiana.

É também novidade o julgamento em Tribunal Plenário da Direcção de uma Associação de Estudantes por actividades produzidas num documento seu. Ao fazê-lo, o governo de M. Caetano confessa o fracasso das suas anteriores medidas para dominar o movimento estudantil e reafirma o seu encarniçamento contra os estudantes e as suas organizações democráticas, expresso no encerramento da Associação Académica de Coimbra, das Associações dos Estudantes de Ciências de Lisboa, do Instituto Industrial de Lisboa, de Medicina do Porto, nas numerosas prisões de estudantes e nos próximos julgamentos de estudantes nos Plenários de Lisboa e Porto, no «estado de excepção» a que as Universidades Portuguesas continuam a estar submetidas, na recente nomeação do odiado Coteló Neiva para Rei-

(continua na pág. 6)

Lutar nos Sindicatos Nacionais ROMPENDO O ESPARTILHO CORPORATIVISTA

Agitando a falsa bandeira dos «interesses nacionais», M. Caetano condenou recentemente a acção dos trabalhadores sem ousar nomeá-los. Mas a quem senão aos trabalhadores se pode referir o chefe dum governo fascista quando afirma que se está criando no País uma «perigosa mentalidade de reivindicações e de facilidade...»? Os exploradores capitalistas não reivindicam. Esses batem o pé e são logo ouvidos.

Não acabam os senhores da banca de ver destituídas direcções dos Sindicatos dos bancários de Lisboa e Porto e substituídos os representantes dos trabalhadores por autênticos rafeiros seus instalados em Comissões Administrativas? Não foi só depois de verem satisfeita esta exigência que as administrações dos bancos, lesta e radiantes, passaram a promover elas próprias a ampla distribuição dos documentos das suas Comissões Administrativas quando anteriormente era dificultada a difusão das circulares das direcções eleitas e neste momento é proibida a distribuição dos documentos saídos das reuniões de associados em oposição às Comissões Administrativas? Sem o apoio incondicional do governo fascista, sentiriam os banqueiros os punhos livres para despedir arbitrariamente trabalhadores, como estão fazendo, em represália por exercerem actividades nos próprios Sindicatos Nacionais?

Não tinham já os governantes fascistas Rebelo de Sousa, Silva Pinto & C^a, satisfeito igualmente os desejos de outros exploradores como os senhores da têxtil e da metalurgia, nomeando Comissões Administrativas para os respectivos Sindicatos do Porto e de Lisboa e que ali ilegalmente se mantém apesar de ultrapassado o prazo de 6 meses para a sua existência?

Que outra coisa foi senão ir ao encontro dos interesses capitalistas fazer vigorar a fórmula caetanista da impugnação das eleições nos Sindicatos Nacionais à qual o patronato logo lançou mão? Nos Sindicatos dos Têxteis do Porto e de Famalicão, com a ajuda dos seus lacaios e à sombra da burocracia convente dos tribunais de trabalho, não tem assim conseguido impedir que os dirigentes escolhidos pelos trabalhadores ocupem as direcções sindicais?

Será por ventura para servir os «interesses nacionais» que o governo e o patronato aparecem sempre de mãos dadas durante o longo processo da assinatura dos C.C.T. quer pondo os maiores entraves à intervenção dos trabalhadores nas negociações, atrasando e mesmo negando a homologação dos C.C.T. em que a voz dos trabalhadores se fez ouvir, quer acelerando a assinatura dos Contratos cozinhados nas costas dos trabalhadores com a ajuda de direcções-lacaios ou dos rafeiros

das Comissões Administrativas? Que o digam os metalúrgicos, cujo C.C.T. levado à arbitragem expressa a opinião de milhares de trabalhadores em reuniões e assembleias, rejeita as condições de miséria que o patronato desejava ver estipuladas no novo Contrato e sem dúvida por esse motivo não obteve ainda a homologação do Secretário do Trabalho.

Que o digam os operários têxteis do Porto cujo C.C.T. recentemente cozinhado entre o governo, patronato, e os seus lacaios, nas costas dos trabalhadores, representou um retrocesso em relação a conquistas anteriormente alcançadas pelos trabalhadores e tem dado aos flagrantes arbitrariedades por parte dos patrões desrespeito dos salários mínimos, despedimentos, castigos, sujas manobras para negar subsídios de férias às grávidas, etc., como está sucedendo nas empresas «José Ribera», Fiação de Tecidos dos Jacintos e Empresa Fabril do Norte («Senhora da Hora»).

Os trabalhadores da indústria das malhas, cujo C.C.T. acaba de ser assinado entre os aplausos e regozijo de Silva Pinto, também terão sem dúvida muita coisa a dizer. Quando este fala em «compreensão», «rápida acção pelas partes das alterações propostas pelo poder público», «ambiente construtivo em que decorreram as negociações» há tudo a temer pelos interesses dos trabalhadores.

E para que os trabalhadores não pensem que «tudo lhes é devido e nada lhes deve ser exigido» (segundo a afirmação de Caetano), o Secretário de Trabalho vai mais longe. Aponta aos exploradores a moda antiga o caminho para novos métodos de exploração. Com esse fim, anuncia a realização das «Primeiras Jornadas de Produtividade» para Janeiro e ensaia generalizar o sistema de «prémios» com vista a iludir algumas das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores: 7º dia e 15º mês, a troca do aumento da «produtividade», isto é, da exploração.

Tudo fazendo para manter explorados e oprimidos os trabalhadores, Rebelo de Sousa, Silva Pinto & C^a não deixam de apelar cada vez mais para os seus parceiros da PIDE-DGS, P.S.P. e GNR, em nome da defesa dos «interesses nacionais» e «harmonia de classes» sempre que vêem que os trabalhadores orientam a sua acção para fazer estalar o collete de forças do corporativismo fascista. Tal é no fundo a verdadeira função do Ministério das Corporações: uma agência do patronato capitalista e uma central da polícia.

A defesa dos interesses nacionais é inseparável da defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo em geral e ela nunca foi nem poderá ser assegurada por um governo fascista que manda prender dirigentes sindicais, activistas e trabalhadores.

OS TRABALHADORES PORTUGUESES NÃO ESTÃO SÓS

M. Gaetano no pelorinho internacional

A solidariedade activa e pronta que os trabalhadores e democratas portugueses vêm recebendo dos trabalhadores e pessoas progressistas de vários países representa um estímulo poderoso à sua luta por melhores condições de vida, contra a repressão fascista, pela libertação dos presos políticos, pelos direitos sindicais, pelas liberdades democráticas.

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL, que agrupa cerca de 130 milhões de trabalhadores de quase todo o mundo nas suas fileiras, num telegrama ao ministro das Corporações, «protesta indignadamente face à brutal repressão policial, desencadeada contra os dirigentes sindicais e os trabalhadores portugueses...» Exige «que se ponha fim à prisão de dirigentes e militantes sindicais e às torturas de que são objecto os militantes sindicais e democratas; a libertação imediata do dirigente sindical D. Cabrita e de todos os presos...».

Posteriormente a F.S.M. enviou uma carta ao director geral da O.I.T., em Genebra, chamando a sua atenção «para as graves violações dos direitos sindicais e das liberdades democráticas do governo português contra os trabalhadores e sindicalistas portugueses».

Noutro passo dessa carta, a FSM protesta enérgicamente contra a prisão e manutenção da detenção de D. Cabrita e de outros militantes e dirigentes sindicais, lembrando que D. Cabrita fora um dos signatários duma carta à O.I.T. «protestando contra o facto dos chamados representantes dos

trabalhadores da delegação portuguesa à Conferência da O.I.T. terem sido escolhidos unilateralmente pelo governo de M. Gaetano, primeiro ministro português, e não por consulta das organizações sindicais representativas como prevê a constituição da OIT».

«O ministro do Interior—continua a carta—afirma que os sindicatos se preparavam para promover uma agitação social contra as legítimas autoridades. É assim que ele qualifica as legítimas acções dos sindicatos em defesa dos interesses dos trabalhadores».

E termina dizendo: «Face a estes graves atentados contra as liberdades sindicais em Portugal pedimos que se dê seguimento a esta queixa como sendo questão de extrema urgência».

Pedimos que seja posto fim à prisão de dirigentes sindicais e às torturas a que são submetidos os presos sindicalistas e democratas; que seja imediatamente libertado o dirigente do sindicato dos bancários D. Cabrita, e de todos os que estão presos por participarem em greves...».

O restabelecimento das liberdades democráticas em Portugal de acordo com a convenção nº98 da OIT que diz respeito à aplicação dos princípios e direitos de organização e dos acordos colectivos e que foi ratificada pelo governo português; que sejam reabertas as sedes dos sindicatos dos bancários de Lisboa e Porto e que seja proibida a presença da polícia nas instalações dos sindicatos; que o governo português assegure de futuro o respeito dos direitos sindicais e das liberdades democráticas».

A ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS endereçou um protesto à Comissão dos direitos do Homem da ONU contra a prisão do dirigente do sindicato dos jornalistas, António dos Santos, e o pedido de que informe a opinião pública internacional sobre a situação em Portugal.

A FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS SINDICATOS DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS enviou um telegrama ao governo português de protesto contra a repressão, solidariza-se com os seus colegas de Portugal exige a libertação de D. Cabrita.

A CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO ITALIANA mais uma vez protestou contra o terror em Portugal e se solidarizou de forma activa com os trabalhadores portugueses em luta contra o fascismo.

A Federação dos sindicatos bancários (aderente à CGTI) manifestando junto do governo italiano a sua mais viva solidariedade com os bancários portugueses em luta pelos seus direitos, pede-lhe para intervir junto do governo português para que cesse

a repressão e liberte o colega D. Cabrita. Idênticos protestos e exigência fez junto da Embaixada de Portugal, em Roma.

A Assembleia Provincial dos Delegados de Fábrica das Empresas Metalomecânicas do importante centro industrial de Génova, com a presença de delegados das três maiores centrais sindicais italianas, aprovou no dia 28 de Julho passado uma moção contra a repressão que campeia em Portugal e de «solidariedade com os trabalhadores portugueses e em especial com as vítimas da tirania fascista de Gaetano». A moção, cujo texto foi enviado à embaixada de Portugal em Roma, é ao ministro dos negócios estrangeiros italiano, «convida as autoridades italianas a tomarem todas as iniciativas necessárias para que se ponha imediatamente fim às torturas contra os democratas portugueses e sejam libertados os presos políticos». Também as Juventudes Comunistas Socialista italianas protestaram em conjunto contra a repressão em Portugal.

18.000 italianos em petição dirigida a M. Gaetano reclamam a libertação dos presos políticos da última vaga repressiva, bem como todos os presos políticos portugueses.

O COMITÉ FRANCÊS PARA AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E A AMNISTIA EM PORTUGAL em telegrama enviado a M. Gaetano protesta contra a repressão que se abate sobre os democratas portugueses e reclama a libertação dos presos políticos.

O JORNAL «PRAVDA», órgão do PCUS, outros jornais soviéticos, assim como a Rádio Moscovo têm noticiado e comentado com largueza as lutas dos trabalhadores e democratas portugueses, denunciado a recente vaga repressiva em Portugal, manifestando a mais completa solidariedade dos trabalhadores e do povo soviético para com os trabalhadores e democratas portugueses na sua luta por melhores condições de vida, contra o fascismo, pela liberdade.

O JORNAL «HUMANITÉ» órgão do P.C. Francês, publicou nos seus números de 11 e 16 de Junho e de 5, 20 e 27 de Julho artigos sobre a vida e a luta do povo português. Num artigo do seu número de 11 de Junho salientava: «A A.R.A. denuncia o apoio moral e político da OTAN à política de Gaetano». No número de 5 de Julho, põe em destaque as lutas populares em Portugal contra a repressão, dizendo: «Facto sem precedentes, o comunicado oficial reconhece que a arbitrariedade governamental se choca com uma forte oposição». No de 27 de Julho, refere a visita de Spiro Agnew, vice-presidente dos Estados Unidos, a Portugal, afirmando que ele «encontrará interlocutores de escolha e que não res-

ta dúvida que uma estreita comunidade de pensamento resultará das conversações. Com efeito 48 horas antes da chegada de Agnew, M. Gaetano entregou-se a uma violenta diatribe anticomunista...».

«UNITA», órgão do P.C. Italiano, no seu número de 5 de Junho historia as acções da ARA citando passagens dos comunicados do Comando Central desta organização, patriótica e antifascista. Nos seus números respectivamente de 20, 26, e 31 de Julho desmascara a repressão contra os bancários portugueses, destaca a luta massiva destes contra a prisão de D. Cabrita, transcreve quase na íntegra o manifesto da C. Ex. do C.C. do P.C.P. de Julho passado denunciando o terrorismo de Gaetano.

«MONDO NUOVO», órgão do Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária, num artigo intitulado «Portugal: Ainda a repressão», denuncia a onda repressiva conduzida pela PIDE-DGS, destacando que «a arma do terror, a intimidação e a tortura não impedem o desenvolvimento da luta popular e anticolonialista...».

XXX

Pela sua luta continua e abnegada, muitas vezes heroica, contra o fascismo e pela liberdade os trabalhadores, os estudantes e intelectuais, as mulheres, os democratas de Portugal têm ganho cada vez mais a simpatia e a solidariedade activa de centenas de milhões de trabalhadores, de organizações políticas, sociais e culturais do mundo inteiro.

Quanto mais se reforçar e ampliar a luta das massas populares contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo, pela paz, a liberdade e o socialismo e esta se entrelaçar mais estreitamente ainda com a luta geral dos outros povos contra os mesmos inimigos e pelos mesmos objectivos, maior e mais larga será a solidariedade internacional à nossa luta e vice-versa.

Este apoio internacionalista dá-nos novas forças para as muitas e difíceis batalhas que ainda temos de preparar e travar contra o fascismo até o derrubar e uma ainda maior confiança na vitória final.

Factos e COMENTÁRIOS

Cactano ou Arsène Lupin? Foi a TV que estabeleceu o confronto fazendo suceder as aventuras do bandido aos «ciclópicos trabalhos» do professor de direito.

Mestres, ambos, na arte do disfarce, da dissimulação, habeis, infinitamente, em fazer-se passar pelo que não são, não admira que o desportivo espectador fosse levado a cortejar: Cactano ou Arsène Lupin?

Ah! Aquela tendência para roubar aos ricos, aquela generosidade para com os adversários, aquele horror à violência, aquele respeito pelas regras do jogo, aquela seriedade profissional, aquela elegância de Lupin, o patife!

PORTUGUESES NO CANADA CONTRA A REPRESSÃO EM PORTUGAL

Indignados com a repressão que se abate sobre os trabalhadores e democratas, milhares de portugueses que labutam no Canadá tomaram a decisão de esclarecer a opinião pública desse país sobre a situação em Portugal e de apelar para a sua solidariedade, organizando manifestações de rua e dando a conhecer documentos publicados em Portugal sobre a repressão.

Nos meses de Junho e Julho passados tiveram lugar, só na cidade de Toronto, três manifestações de rua contra a repressão em Portugal, pela libertação dos presos políticos e desmascaramento da política fascista de Gaetano: uma diante de um edifício no preciso momento em que ali tinha lugar um acto público com a presença do consul fascista de Portugal, outra diante da Câmara Municipal e a terceira nas ruas da cidade.

CAMPANHA DE FUNDOS 50º aniversário ULTRAPASSAR OS MIL CONTOS!

Militantes, simpatizantes e amigos do Partido têm desenvolvido notáveis esforços para que a campanha de fundos do 50º aniversário do Partido dê a estas possibilidades financeiras para poder realizar as importantes tarefas políticas e de organização que a situação exige. Esses esforços, tal como os resultados obtidos, têm sido, porém, desiguais. E isso é compreensível em muitos casos.

Lá onde a campanha foi encarada seriamente como uma tarefa política de grande importância para o desenvolvimento da luta contra o fascismo e tomadas as medidas de organização que se impunham para a sua realização prática, os resultados obtidos foram melhores. Ao contrário, lá onde as coisas foram deixadas um pouco à «consciência» e à «compreensão» política de cada um, os resultados ficaram muito aquém das possibilidades reais. Saliente-se, por outro lado, que em sectores importantes de trabalho a campanha de fundos foi grandemente prejudicada pela repressão fascista.

Os resultados globais já alcançados representam importante sucesso político do Partido, mostram que o Partido Comunista Português é uma grande força política nacional enraizada nas massas e que estas aprovam a sua política. Mas é possível ir mais adiante.

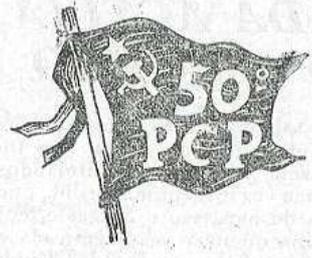
Deficiências assinaladas podem e devem ser analisadas com espírito crítico e autocrítico e ser remediadas, como podem ser analisadas e vencidas algumas das dificuldades encontradas.

Aproximamo-nos dos 1.000 contos. Ultrapassar substancialmente esta quantia até ao fim do ano não só é possível, como é uma tarefa política e de organização que se coloca a cada militante, a cada simpatizante do Partido, a cada amigo do Partido.

XXX

Transporte 911,963\$00	Cholokov 10\$00	Liberdade para Gervásio 250\$00	Rui Negro 50\$00
Abalo o fascismo 7\$50	Davidov 400\$00	Libertação de Moçambique 1,000\$00	Saudações Académicas 50\$00
Id. Viva os 50 anos PCP 621\$50	Coelho 1,000\$00	Mãe 400\$00	Sérgio Vilariques 1,000\$00
Alpiarca Revoluç. 7,800\$00	Dias Lourenço 50\$00	Nimeyer 40\$00	Serrano (4ª pres-tação) 10,000\$00
A memória de A. Saboga 500\$00	Dinis 100\$00	PCP-50 anos de glória 50\$00	Sindicatos do povo 400\$00
Amílcar Cabral 100\$00	Miranda 100\$00	Pelo: P.C.P. 600\$00	TX 200\$00
Angelo Veloso 100\$00	Id. 130\$00	Pires Jorge 30\$00	Unidade e Acção 1,000\$00
Artúr 100\$00	Emblemas 40\$00	Id. 30\$00	Vítimas do Terror 1,725\$00
Avante comunistas! 3,500\$00	Estudantes-A. Cunhal 1,165\$00	Profkoffier 430\$00	Id. (50º do P.) 235\$00
Bento Carriça 10,000\$00	Ferreira Soares 2,000\$00	R.C. 50º aniversário (1) 1,000\$00	Viva a Rev. Dm. e Nac. 100\$00
Bento Gonçalves 20\$00	Gogol 3\$00	Reforma Agrária 10,000\$00	Viva a Rev. Socialista 100\$00
Blanquim Teixeira 1,000\$00	Hó-Chi-Minh 30\$00	Reforma Geral e Dem. 50\$00	Viva 50º PCP 2,000\$00
Canais 900\$00	Id. 60\$00	Ens. Rôgerio Carvalho 100\$00	5 de Outubro 10\$00
Rocha 1,000\$00	Imprensa do P. 150\$00	Rui Luis Gomes 1,000\$00	50º An. 100\$00
Id. 60\$00	Independência 8º. as co-lónias 1,600\$00	Total: 978,355\$30	Id. 100\$00
Id. 250\$00	Krutchov (7) 500\$00		
Canário Vermelho 30\$00	Id. (8) 500\$00		
Capitão Mor 100\$00			

Nota: Com a rubrica R.P.L. recebemos 3 relógios para a campanha 50º PCP.



MENSAGENS DE SAUDAÇÃO

DOS COMUNISTAS E TRABALHADORES

Do COLECTIVO DA RÁDIO PORTUGAL LIVRE: Depois de render homenagem àqueles que há 50 anos souberam compreender a necessidade de um Partido de tipo novo para a classe operária portuguesa, àqueles que tombaram na luta ao serviço da classe operária e do seu Partido, àqueles que nos cárceres fascistas continuam a levantar bem alto o nome do Partido e a todos os que o transformaram na «mais brilhante das estrelas da constelação das forças antifascistas em Portugal» e num «valeroso e prestigiado destacamento do movimento comunista internacional», a mensagem ao Comité Central salienta o papel da Rádio Portugal Livre na luta da classe operária e do nosso povo e acrescenta: «Conscientes da responsabilidade que sobre nós, membros do colectivo da Rádio Portugal Livre, recai, procuraremos ser dignos da confiança que o Partido em nós depositou. E com a sua ajuda e a do Comité Central, nesta ou noutra tarefa, continuaremos a procurar servi-lo e à classe operária, o melhor que sabemos e podemos.

Exprimimos a nossa confiança no Comité Central do Partido Comunista Português e na sua justa orientação. Exprimimos a certeza de que, fiel ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, o Partido Comunista Português, por entre todas as dificuldades e obstáculos que ainda tenha de ultrapassar, conduzirá a classe operária portuguesa ao cumprimento da sua missão histórica, levará o nosso povo à re-

volução democrática e nacional, ao socialismo e, mais além, ao futuro radioso do comunismo.»

De «Um grupo de operários e empregados duma povoação do concelho da Moita»: Todos nós, uns melhores e outros pior, sabemos quanto custa lutar pelo direito ao trabalho e pelo pão, pela conquista das liberdades democráticas, enfim, pelo progresso e pela paz. Mas a vida também nos ensinou que sem a luta da classe operária e do seu Partido, o PCP, a nossa situação de explorados e oprimidos prolongar-se-á indefinidamente. A experiência de 50 anos de lutas, de pequenas e grandes lutas, fortaleceu a nossa determinação e a nossa decisão de alargar e reforçar cada vez mais a nossa unidade na base das reivindicações imediatas dos trabalhadores: luta por melhores salários, luta contra a subida do custo de vida, contra a guerra e pela amnistia.

Tendo bem presente o exemplo dos que não recuaram perante a perda preciosa das suas próprias vidas para engrandecer o seu glorioso Partido e honrar a classe operária, nós queremos, nesta ocasião, expressar à Direcção do PCP e por seu intermédio a todos os comunistas, as nossas fraternais saudações».

De «Um organismo de jovens trabalhadores da região do Porto»: Na sua mensagem ao Comité Central afirmam designadamente: «Todos firmes, cada um no seu posto, vós no vosso, nós no nosso, saberemos avançar contra as barreiras do fascismo, saberemos ser ombro com ombro a derrubá-lo...»

A vida de António Gervásio continua em perigo

Quando preso pelo bando da PIDE-DGS, no dia 31 de Julho, na Marinha Grande, A. Gervásio ia acompanhado por um elemento com quem se havia encontrado pouco antes. Um carro para de repente, dois agentes saltam e apontam as pistolas metralhadoras a A. Gervásio, ameaçando matá-lo, enquanto o dito elemento que o acompanhava se põe em fuga sem que os agentes se preocupassem com o facto.

É cedo para tirarmos conclusões finais, mas o facto não deixa de ser, pelo menos, muito estranho. Embora conhecendo bem do que são capazes os bandidos da PIDE, A. Gervásio não se deixou intimidar, resistiu corajosamente, gritou o seu nome e a sua qualidade de comunista para que a sua prisão se tornasse rapidamente

conhecida e desmascarar os pides. Pouco depois populares comunicavam na esquadra da P.S.P. da Marinha Grande que um homem tinha sido assaltado e metido à força dentro dum automóvel.

A posição firme deste destacado e corajoso militante da classe operária frustrou os planos da polícia: a sua prisão não tardou a ser conhecida em quase todo o país.

A vida de A. Gervásio continua a correr perigo. A PIDE, à falta de melhor, «descobriu» que A. Gervásio era dirigente da A.R.A., sem, como é seu costume, dar qualquer explicação pública sobre tal «descoberta». O objectivo é claro. Caetano e a sua PIDE tateiam na procura de pretextos (neste caso fraco pretexto) que possam justificar ante a opinião pública novas violências sobre A. Gervásio, membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

A vigilância e as acções dos trabalhadores, dos antifascistas devem intensificar-se para o salvar.

Blanqui Teixeira em liberdade

A campanha para a libertação de Blanqui Teixeira foi coroada de sucesso. O camarada Blanqui Teixeira está em liberdade desde o dia 10 de Setembro, depois de passar mais de oito anos nas duras condições dos cárceres fascistas.

Impedido de dormir durante os 13 dias que se seguiram à sua prisão, em 7 de Maio de 1963, submetido, pela PIDE, a outras torturas brutais, Fernando Blanqui Teixeira enfrentou os esbirros da ditadura com a firmeza e a altivez revolucionárias que caracterizam a sua vida desde os tempos de estudante e de que dera já sobejas provas em longos anos de clandestinidade. Na sua primeira prisão em 1957, na sua fuga do Hospital de S. José, no ano seguinte, Saudando o camarada Blanqui

Teixeira, o «Avante!» aponta a sua libertação como um exemplo mais a demonstrar que as campanhas nacionais e internacionais, que as acções de massas contra a repressão e pela libertação dos presos políticos podem forçar o fascismo a recuar na repressão e a libertar os presos.

Adiante, na luta pela libertação dos presos políticos!

RÁDIO PORTUGAL LIVRE Voz do P.C.P.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,30 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.



SOLIDARIEDADA ACTIVA AO VIETNAM HEROICO

Depois da amarga derrota sofrida na Laos e de sucessivos reveses que as forças patrióticas do Vietnam do Sul vêm inflingindo aos exércitos imperialistas e às tropas do regime fantoche de Saigão, Nixon ordenou o recomeço dos actos de provocação e pirataria contra a República Democrática do Vietnam. Milhares de toneladas de bombas voltaram a martirizar o abnegado povo vietnamita.

Porém, a destruição e a morte semeadas pelos imperialistas americanos no Vietnam, não conseguem fazer vergar este povo heróico. Na República Democrática do Vietnam, que celebrou recentemente o 26º aniversário da sua implantação, prossegue a construção da sociedade socialista e são alcançados importantes êxitos, graças ao ardor patriótico do seu povo e à ajuda constante dos países socialistas, principalmente a União Soviética, com a qual acaba de ser assinado um novo acordo de ajuda, multiforme cooperação e amizade.

Nixon e os fautores de guerra do Pentágono vêm fracassar, um após outro, os seus chamados planos de «pacificação» no Vietnam

e sabem que a vitória do povo vietnamita será certa. Mas tudo fazem para atrasar, atolando-se cada vez mais numa sórdida guerra de agressão e desgaste, cujas consequências se fazem cada vez mais sentir nos Estados Unidos, provocando o descontentamento do povo americano, que vem manifestando de forma crescente o seu protesto contra a guerra no Vietnam e exigindo o seu fim.

Entretanto, os imperialistas americanos e os seus chefes de fila não hesitam em desafiar a condenação da opinião pública internacional quer ordenando o recomeço dos criminosos bombardeamentos à República Democrática do Vietnam, quer comandando directamente de Washington as recentes eleições-farsa em Saigão de apoio ao odiado fantoche Van Thieu.

Prestar sem demora a sua solidariedade de combate ao valoroso povo vietnamita, protestando por todas as formas contra os crimes do imperialismo americano no Vietnam, é um dever imperioso dos democratas, dos patriotas, do povo português em geral.

O golpe militar reaccionário NA BOLIVIA

Por detrás do recente golpe militar reaccionário de tipo fascista na Bolívia esteve mais uma vez a famigerada C.I.A., instrumento macabro do imperialismo norte-americano contra a liberdade e a independência dos povos.

Naqueles países onde os superlucros dos monopólios norte-americanos correm risco de ser atingidos ou desaparecer de vez pela instauração de regimes progressistas que se proponham levar a cabo uma política verdadeiramente nacional, independente, é seguro que a sinistra C.I.A. aparecerá a organizar assassinatos políticos e outras provocações, a manobrar, acorromper e a arregimentar generais e políticos para quem o dinheiro e o poder pessoal estão sempre acima dos interesses dos seus povos e países, visando a organização de golpes militares para derrubar os governos progressistas estabelecidos, ou simplesmente não agrada e não sirvam bem os monopólios norte-americanos.

Nesta sua actividade de sapa, os imperialistas norte-americanos, através da C.I.A., não recuam mesmo em mergulhar este ou aquele país nos horrores da guerra civil ou de provocar guerras locais, quer pela intervenção directa do exército dos Estados Unidos, como são, por exemplo, os casos mais recentes do Vietnam, Laos, Camboja, S. Domingos, quer servindo-se de parceiros menores, como no caso do Médio Oriente, onde Israel é a ponta de lança do imperialismo norte-americano.

O que acaba de passar-se na Bolívia é, pois, apenas um caso entre muitos que se saltou com o assassinato, o fuzilamento ou a morte em combate em defesa das suas conquistas sociais, das liberdades democráticas e da independência do seu país, de centenas de trabalhadores, estudantes e outros patriotas Bolivianos.

Logo após o triunfo do golpe reaccionário, as sedes dos partidos comunistas e socialistas, de sindicatos, de outras organizações e jornais progressistas foram saqueadas e centenas de milhares de militantes das esquerdas foram presos, torturados e alguns assassinados.

Após a derrota, o presidente da República deposto, general Torres, vangloriou-se de que o regime que dirigiu teria cometido erros, mas não tinha matado ninguém. Isto poderá ser muito interessante e até bonito. Pensamos, porém, que outra é a lição que se deve tirar dos acontecimentos. E essa lição consiste no seguinte: após a tomada do poder por oficiais e outros elementos progressistas, estes deixaram tudo como dantes. Os generais e outros oficiais reaccionários continuaram a exercer livremente os seus cargos, outro tanto sucedendo com todos os altos funcionários, chefes de polícia, magistrados, etc., deixando-lhes desta maneira o campo livre. Quer dizer, todo o velho aparelho de Estado ficou intacto como se nada de novo se tivesse passado, o que veio a facilitar enormemente o trabalho à C.I.A.. Este o primeiro grande erro. O segundo grande erro do governo de Torres (ignoramos, porém, se o desejaria sequer fazer) consistiu em não ter armado as massas populares quando estas o pediam para defender o regime progressista estabelecido.

Que o general Torres diga agora que não mataram ninguém, não é remédio para dar a vida aos que caíram na luta nem restituir a liberdade aos prisioneiros.

Que o general Torres diga agora que para a próxima vez terão armas e munições suficientes não remedia o grave erro cometido anteriormente por si e pelo seu governo em não ter sabido ou querido armar o povo.

No mundo Socialista

A CULTURA E O ENSINO AO SERVIÇO DO POVO

UNIÃO SOVIÉTICA: Actualmente, cerca de 80% dos alunos que terminaram o ensino obrigatório de 8 anos, prosseguem os seus estudos secundários. No decurso do último quinquénio, formaram-se mais de 7 milhões de especialistas diplomados com cursos superiores ou secundários especializados. O número total de trabalhadores científicos eleva-se hoje a 930.000, tendo sido acrescido de 40% no decurso do quinquénio. É de mais de 55% a percentagem de operários com a instrução secundária ou superior. Segundo os dados do fim de 1970, mais de metade da população rural terminou a escola secundária ou superior. Durante o último quinquénio, foram criados mais de 60 estabelecimentos de ensino superior, incluindo 9 universidades. Actualmente, 13 milhões de adultos e 10 milhões de estudantes fazem parte de conjuntos artísticos amadores. O povo soviético é considerado como o que mais lê no mundo. Depois do 23º Congresso (há 5 anos) foram editados na U.R.S.S. mais de 6,5 biliões de livros e brochuras, entre os quais mais de 1 bilião consagrado a temas socio-políticos.

HUNGRIA: (População idêntica à de Portugal). Antes da libertação (1945) frequentavam a escola secundária 52.349 pessoas. Em 1967-68, este número tinha saltado para 227.659. Em comparação com 1938, em 1969 aumentou 8 vezes o número dos alunos do ensino superior. O ensino geral obrigatório é de 8 anos. O ensino médio é de 4 anos. A formação de operários qualificados efectua-se em escolas de 3 graus que oferecem conhecimentos teóricos e práticos nas fábricas com a frequência de cerca de 200.000 alunos. O ensino público é gratuito nas escolas gerais e secundárias. Nos cursos diurnos das universidades e escolas superiores, mais de 90% dos estudantes recebem uma ajuda regular do Estado e cerca de 50% vivem em colégios e residências estudantis. O ensino religioso é facultativo, sendo frequentado por 13% dos alunos das escolas gerais. As Igrejas dispõem de 10 escolas secundárias (8 católicas, 1 protestante e 1 israelita), mantendo 11 escolas superiores de teologia. Em 1968, ascendeu a 86, 6 milhões o número de exemplares das publicações, entre os quais 48 milhões de livros. (Em 1938 tinham sido apenas de 17,3 e 5,2 milhões respectivamente). A tiragem duma obra é geralmente de 45.000 exemplares, mas por vezes chega a al-

cançar o número de 90 a 95 mil exemplares. 90% dos lares húngaros assinam um jornal. Em 1966, para cada 1.000 habitantes, havia 114 televisores (em Portugal, apenas 20).

BULGÁRIA: Em menos de 20 anos (a partir de 1950) o número de estudantes aumentou em quase 200%. Em 1969, o povo búlgaro contava com 32 teatros dramáticos, 5 teatros de ópera, 7 orquestras sinfónicas, mais de 4.500 clubes de cultura e mais de 11.000 bibliotecas.

ROMÉNIA: Ensino geral obrigatório de 10 anos. Em menos de 20 anos (a partir de 1950), o número de estudantes aumentou em 170%. Presentemente, em cada 5 habitantes um é estudante.

CHECOSLOVÁQUIA: Em relação aos anos do após guerra, é 3 vezes maior o número de alunos que terminam os estudos secundários e 5 vezes maior o dos que saem dos estabelecimentos de ensino superior. Em menos de 20 anos (a partir de 1950), o número de estudantes aumentou em mais de 200%.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ: (População: 17 milhões de habitantes). Em 1969, as escolas e o ensino político de 10 anos eram frequentados por 90% das crianças. No mesmo ano, existiam 55 universidades e escolas superiores, quando em 1945 este número não passava de 8. Em menos de 20 anos (a partir de 1950), o número de estudantes aumentou em mais de 200%.

MONGÓLIA e POLÓNIA: Em menos de 20 anos (a partir de 1950), o número de estudantes aumentou respectivamente em 500% e cerca de 200%.

GREVES EM ESPANHA

A classe operária espanhola intensifica a sua luta por aumento de salários.

Em Madrid, 20.000 operários da construção civil recorreram à greve e realizaram uma manifestação de rua enfrentando valentemente a repressão. A polícia disparou, matando um trabalhador.

3.500 mineiros das Astúrias entraram também em greve.

Em Sabadell (Catalunha), 1.500 operários estão em greve.

Recorreram também à greve milhares de trabalhadores em Barcelona e noutras cidades de Espanha.

A A.A.C. ré no plenário

(cont. da 3ª pág.)
tor da Universidade de Coimbra.

Com o julgamento da AAC, o governo pretende dar uma «lição exemplar» aos estudantes, arrancar ao movimento estudantil preciosas conquistas arrecadadas em muitos anos de luta, golpear a legalidade do MA.

O julgamento da AAC é uma ameaça a todo o MA, a todo o movimento estudantil, que exige dos estudantes de todas as Academias uma resposta imediata, resoluta e maciça e a solidariedade activa aos estudantes por parte de todos os destacamentos do movimento antifascista.